

O discurso histórico e as suas multiplicidades: uma abordagem sobre as novas demandas da historiografia contemporânea a partir da história do tempo presente

Paulo Roberto Alves Teles¹

Resumo: O artigo tem como objetivo trazer à tona o debate e as principais problemáticas assistidas pela história do tempo presente. Nesse sentido destaca-se a busca por uma metodologia e redefinição de conceitos, como a ideia de passado e presente. Essas práticas são fundamentais para a compreensão de eventos recentes ocorridos diante dos olhos do historiador. Além disso, cabe ao mesmo construir métodos de pesquisa diante da intensa produção de fontes proporcionada pela velocidade dos meios de comunicação, especialmente a internet.

Palavras-chave: Historiografia, Tempo Presente, Internet.

History speech and varieties: a new approach to the demands of contemporary historiography from the history of this time

Abstract: The objective of this article is to bring to light the discussion and the main problem assisted by the history of this time. Noteworthy is the search for a methodology and redefining concepts, like the idea of past and present. These practices are important for understanding recent events observed by the historian. Furthermore, it is the same building research methods in the face of intense production provided by the speed of the media, especially the internet sources.

Keywords: Historiography, History of this time, Internet.

Artigo recebido em 29/04/2014 e aceito em 03/05/2014.

O DISCURSO HISTÓRICO E AS SUAS MULTIPLICIDADES: UMA ABORDAGEM SOBRE AS NOVAS DEMANDAS DA HISTORIOGRAFIA CONTEMPORÂNEA A PARTIR DA HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

PAULO ROBERTO ALVES TELES

Introdução

(...) Os historiadores devem ser agentes do luto social, aqueles que expõem o sangue derramado e o cheiro de carne calcinada para que se clame novamente contra a injustiça e o crime produzidos. A história deve ser o trabalho com o trauma para que ele deixe de alimentar a paralisia e o branco psíquico e histórico e possa levar à ação (...)^I.

Angustiante. Talvez essa seja a palavra que melhor defina o momento vivido pela escrita da História do Tempo Presente no alvorecer do século XXI. Desafiada pela infinidade de fontes e principalmente pelas demandas trazidas com o desenvolvimento das tecnologias de informação, a produção do discurso histórico tem testemunhado inúmeros obstáculos especialmente no que se refere às formas de abordagem, tratamento, interpretação e preservação das fontes e os seus respectivos testemunhos. Não bastasse isso, ainda persiste a discussão sobre o papel a ser desempenhado pelo historiador diante desse amálgama de acontecimentos. Nesse sentido, o objetivo desse trabalho consiste em discutir os desafios metodológicos enfrentados pela História do Tempo Presente no Brasil.

Têm-se como jargão máximo e senso comum que o papel do historiador consiste no estudo do passado para a compreensão do presente. Ainda que essa abordagem apresente-se como óbvia, é fundamental afirmar que desde Marc Bloch^{III} a concepção de presente e passado, especialmente no que se refere ao tratamento dado pelo historiador que o aborda é intrínseca. Todavia, ainda que a escola positivista rankeana apresentasse o passado com ênfase em suas produções historiográficas, Bloch^{IV} invertera essa relação ao considerar que os escritos do historiador são norteados pelo presente no qual ele está imerso. Portanto, o discurso histórico é direcionado pelas problemáticas vivenciadas pelo autor, o que transformaria a História num estudo essencialmente do presente e dos mecanismos sociais, políticos, econômicos e culturais que corroboraram para a construção desse momento analisado pelo historiador, muito embora, consideremos que a forma de elaboração dessa análise seja também reflexo do período no qual ela fora construída.

Eis então o maior desafio apresentado à produção historiográfica: A História do Tempo Presente. Qual seria o seu conceito? Como periodizá-la? Quais os seus limites? Qual o tratamento dado às suas fontes? Ainda que concentrássemos os nossos esforços nas respostas para essas perguntas, não conseguiríamos aqui respondê-las de forma conclusiva e satisfatória. Trata-se de um campo que, apesar de já possuir algumas décadas de estudo^V, ainda apresenta enormes demandas e desafios, principalmente quando consideramos que assim como o passado, o presente não é o mesmo para todas as sociedades.

Nesse exato momento em que escrevo, o mundo assiste simultaneamente à Guerra Civil na Síria e os inúmeros conflitos decorrentes da Primavera Árabe, as manifestações ucranianas diante do desejo de sua população em ingressar na União Europeia, o escândalo sobre a espionagem americana denunciada pelo ex-analista da NSA (National Security Agency – Agência de Segurança Nacional) Edward Snowden e os resquícios das manifestações de rua ocorridas no Brasil entre os meses de junho e julho de 2013. Obviamente, isso não esgota todas as demandas existentes no atual momento, mas certamente, demonstra a dificuldade dos historiadores em assimilar e

analisar os acontecimentos contemporâneos. Ainda que, esses eventos possam estar interligados ou se tratássemos exclusivamente de discussões sobre as sociedades ocidentais, a sua história, cultura e momentos sociopolíticos apresentariam temporalidades diferentes. A construção de um discurso histórico homogêneo, é antes de tudo, inviável. E ainda, o volume de informações tende a provocar um aumento dos critérios de seleção dos objetos a serem preservados incluindo os documentos produzidos por esse período, além disso, a velocidade de produção e transformação histórica é relacionada ao referencial. Portanto, não bastasse tudo isso, ainda existe outro problema: O que é o presente?

Segundo Mateus Henrique de Faria Pereira e Sérgio da Mata^{VI} “(...) Eventos já ocorridos são um presente para nós pelo tempo em que nosso interesse por eles estiver aceso (...)”. Nesse sentido, a concepção de presente não deve se limitar a mera temporalidade ou cronologia, ela vai muito além disso, ela está especialmente envolvida pelo embate entre a memória e o acontecimento.

O testemunho, a memória e o acontecimento.

Certamente, escrever sobre a História do Tempo Presente é dissecar um corpo vivo. Ele esperneia, grita, recusa e distorce quaisquer afirmações realizadas que contrariem a versão memorizada por ele. Não bastasse todos os problemas citados acima, o historiador ainda se vê diante de mais esse: Como produzir o discurso historiográfico diante do embate entre o testemunho, a memória e o acontecimento?

A perpetuação de discussões sobre acontecimentos passados no presente demonstra a não resolução dos problemas gerados por esses eventos. É sabido que, por conta dos traumas construídos por eles, inúmeros acontecimentos foram ao longo da história (por algum momento) intencionalmente esquecidos^{VII}. E ainda, é necessário muito cuidado no tratamento dado aos testemunhos, pois, uma vez utilizados como fonte exclusiva de memória, ele poderá ser seletivo e conseqüentemente turvar o acontecimento histórico. Isso não significa que o testemunho não é válido, muito pelo contrário, o que afirmamos é que ele não pode ser considerado como fonte única e exclusiva.

(...) O trauma pode convocar ao esquecimento, convocar à obliteração da expressão, ele pode provocar a incapacidade de dizer, de fazer ver, de representar, ele pode gerar o bloqueio da capacidade inventiva, poética, criativa dos indivíduos e das coletividades (...)^{VIII}.

Ainda que seja comum apontar para a necessidade de encerramento de um ciclo de eventos para que isso se torne objeto de estudo, os fatos históricos não se encerram em si, visto que podem ser constantemente rememorados por contas de traumas não resolvidos e não discutidos por suas respectivas sociedades. No caso brasileiro, ressalta-se a importância da criação da Comissão da Verdade em 2009, pela presidenta Dilma Rousseff, com o intuito de se discutir os crimes cometidos durante o Regime Militar (1964-1985).

No entanto, a ausência de historiadores como membros efetivos dessa comissão, ressalta o quanto as instituições políticas brasileiras ainda estão despreparadas para lidar com a sua própria história. Obviamente, não é o objetivo tratar o historiador como juiz do passado, mas sim como cientista e especialista no trato metodológico da memória,

O DISCURSO HISTÓRICO E AS SUAS MULTIPLICIDADES: UMA ABORDAGEM SOBRE AS
NOVAS DEMANDAS DA HISTORIOGRAFIA CONTEMPORÂNEA A PARTIR DA HISTÓRIA DO
TEMPO PRESENTE

PAULO ROBERTO ALVES TELES

das fontes, dos testemunhos e do acontecimento. Especialmente no combate dos prejuízos causados pelo revisionismo (negacionismo) histórico. Portanto, é necessário se ter muito cuidado para que a História do Tempo Presente não se torne militância política e ideológica, pois, a produção do conhecimento histórico se dá, sobretudo, a partir da multiplicidade de perspectivas, fontes e testemunhos.

Outro aspecto a ser discutido no que se refere a produção da memória reside na explosão de informações (muitas vezes equivocadas) apresentadas pela mídia e pelas tecnologias de informação (Internet e as suas ferramentas). A vulgarização da história, isto é, a crescente divulgação de trabalhos produzidos por autores não especializados tem sido responsável pela produção de uma série de equívocos sobre inúmeras temáticas da historiografia. A falta de preparo e a não utilização de cânones básicos do ensino e pesquisa da história tem sido marcante nessas obras, as quais são cada vez mais divulgadas pela mídia devido a enormes demandas sociais veiculadas ao grande público.

(...) Nesse quadro é preciso estar atento à instrumentalização da história pela demanda social e repensar o vínculo entre função do conhecimento e função social da história, especialmente quando se trata da análise de passados sensíveis, tais como o Holocausto, ou as ditaduras na América Latina (...)IX.

Qual autoridade os programas televisivos que tratam sobre determinados acontecimentos históricos possuem? Existem historiadores atuando como consultores e especialistas sobre determinado tema exibido pelo programa? Perguntas simples que, no entanto, podem apresentar respostas preocupantes. Principalmente se levarmos em consideração o papel da mídia na construção das memórias coletivas. Se por um lado é necessário se adaptar diante da demanda midiática, por outro é fundamental a acuidade devida com o revisionismo, pois, cabe ao historiador lapidar a memória, os testemunhos em prol da construção do discurso historiográfico sobre determinado acontecimento.

Então existe de fato um embate entre jornalista e historiador do tempo presente? Acreditamos que, o que de fato existe é uma falta de delimitação do campo de pesquisa deste último. Pois, uma vez que haja essa delimitação, muito provavelmente não haverá interferências legitimadas de outras áreas em campos de pesquisa que não são as suas especialidades. Quais são os limites da História do Tempo Presente? Certamente uma melhor relação entre o testemunho, a memória e o acontecimento norteia as limitações dessa historiografia.

Robert Frank^X aponta a História Oral como um exemplo metodológico de tratamento dos testemunhos a ser seguido pelo historiador do tempo presente. Não nos dedicaremos aqui a nos aprofundar sobre essa seara do conhecimento, mas sim, entender de que forma ela pode se relacionar com a História do Tempo Presente.

O embate entre as fontes orais e escritas já foi alvo de discussão pela História do Tempo Presente nos anos 1980^{XI}. Um dos aspectos fundamentais sobre essa discussão reside na legitimidade das fontes orais. Robert Frank^{XII} considerava que a (...) A história é, entre outras coisas, um inquérito quase no sentido policial do termo, com indícios, depoimentos e testemunhas (...). Com base nessa convicção, entendemos que o testemunho é o elemento de iniciativa para despertar os estudos sobre determinados eventos históricos. Obviamente nem todos os testemunhos serão verdadeiros, as fontes orais como já citamos anteriormente são imbuídas de sentimentos que podem turvar a memória e o acontecimento, cabe ao historiador o distanciamento necessário e o

O DISCURSO HISTÓRICO E AS SUAS MULTIPLICIDADES: UMA ABORDAGEM SOBRE AS NOVAS DEMANDAS DA HISTORIOGRAFIA CONTEMPORÂNEA A PARTIR DA HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

PAULO ROBERTO ALVES TELES

tratamento metodológico específico para a investigação da veracidade sobre o testemunho apresentado.

Uma vez ultrapassado esse primeiro desafio, o historiador ainda se vê diante de uma nova polêmica: o conflito entre a memória e o acontecimento. Muitas vezes a construção da memória, seja ela individual ou coletiva, apresenta em seu universo crenças, equívocos, lendas e vários outros aspectos que podem ludibriar o historiador em seu trabalho. Robert Frank^{XIII} alerta que cabe ao pesquisador realizar aquilo que ele considerou como arqueologia da memória coletiva, isto é, estabelecer o cruzamento entre fontes, depoimentos, documentos, acervos arquivísticos e, além disso, utilizar o seu maquinário intelectual a serviço da construção de seu discurso historiográfico. Portanto, a História do Tempo Presente não se trata de uma história imediata como se já supôs, ela se trata de uma construção intelectual fundamentada no diálogo constante entre pesquisador, fonte e objeto de estudo.

(...) o dever do historiador consiste em criar uma mediação entre o depoimento e ele. Eis porque a noção de “história imediata” é sem dúvida criticável. A mediação é necessária. Ela deve ser construída, e passa pela reflexão crítica sobre o tempo e pela colocação do depoimento em perspectiva da espessura da duração, aquela do passado próximo, mas também menos próximo e longínquo. É essa consideração do longo termo que faz a diferença fundamental entre a “história do presente” e o trabalho sobre a “atualidade”, entre o historiador e o jornalista (...)^{XIV}.

Dito isto, consideramos o testemunho e a memória como os principais limites ou fronteiras para a análise do acontecimento histórico a luz da História do Tempo Presente. É necessário entender essas fronteiras como exemplos das limitações impostas a ela uma vez que, cabe ao pesquisador delimitar aquilo que se configura como testemunho, militância ou memória. Portanto, é de fundamental importância também dissociar o trabalho do historiador do tempo presente em relação ao papel exercido pelo jornalista, ainda que este último esteja a serviço da demanda midiática.

O historiador, o jornalista, a história e a internet

Não é recente a disputa entre historiadores e jornalistas pelo monopólio sobre o discurso do presente^{XV}. Todavia, o embate entre essas duas searas do conhecimento revela para a História do tempo presente, que antes de tudo, é necessário, a construção de um diálogo metodológico entre esses dois grupos a fim de realizar uma produção que aborde a realidade de maneira mais sensata e científica. Além disso, o despertar cibernético demonstrou através das redes sociais que o discurso sobre o presente não é mais uma exclusividade de historiadores, sociólogos e jornalistas, o monopólio a ser disputado se transformou numa rede de conflito de informações.

Um dos aspectos marcantes entre esses dois profissionais, historiador e jornalista, é que cabe de maneira praticamente exclusiva, a preocupação de situar o documento ou fonte histórica no momento em que ele foi produzido. A ausência dessa metodologia no exercício de análise e divulgação dessa fonte poderá incorrer em anacronismos e retumbantes equívocos históricos. Principalmente, pelo fato do jornalista ter a redação e o meio midiático a seu dispor o que aumenta consideravelmente a capacidade de exposição de suas ideias. O tratamento metodológico deve ser rigoroso, pois como já discutimos anteriormente, entre o

O DISCURSO HISTÓRICO E AS SUAS MULTIPLICIDADES: UMA ABORDAGEM SOBRE AS NOVAS DEMANDAS DA HISTORIOGRAFIA CONTEMPORÂNEA A PARTIR DA HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

PAULO ROBERTO ALVES TELES

testemunho e a memória existe um véu que, quando mal analisado, pode ser responsável pela “invenção” de acontecimentos históricos, pelo revisionismo e outros inúmeros equívocos. A construção do passado ou produção da memória sobre ela deve ser realizada a partir de uma confluência de informações e, sobretudo, de uma metodologia capaz de compreender o “tempo” histórico no qual ela foi produzida e no qual ela será divulgada. E exatamente nesse aspecto que jornalistas e historiadores se veem diante do mesmo desafio: Como lidar com a produção de informações trazidas pela Internet?

Wikipédia, Hoax^{XVI}, ciber-ativismo, ciber-cultura, ciber-guerra são apenas alguns exemplos de ferramentas, expressões e temáticas surgidas com a Internet. E todas elas, dedicam-se de alguma forma à produção de informações sejam elas verdadeiras ou não em prol da construção do discurso sobre determinado evento. Como a produção é altíssima, a manipulação desses discursos incorre muitas vezes no prejuízo da veracidade, visto que, atendem a interesses específicos e em muitos casos, políticos-ideológicos. Os entusiastas da Internet enaltecem sobre os benefícios da propagação da informação, no entanto, é necessário alertar: Que informação é essa? Qual o tratamento dado a elas? Historiadores do tempo presente e jornalistas ambos vítimas da sobrecarga, visto que é impossível controlar essa produção. No entanto, é necessário estabelecer território e principalmente dissociar as atividades dos dois profissionais.

(...) Os seres humanos criam significado interagindo com o seu ambiente natural e social, conectando suas redes neurais com as redes da natureza e com as redes sociais. A constituição de redes é operada pelo ato da comunicação. Comunicação é o processo de compartilhar significado pela troca de informações. Para a sociedade em geral, a principal fonte da produção social de significado é o processo da comunicação socializada. Esta existe no domínio público, para além da comunicação interpessoal. A contínua transformação da tecnologia da comunicação na era digital amplia o alcance dos meios de comunicação para todos os domínios da vida social, numa rede que é simultaneamente global e local, genérica e personalizada, num padrão em constante mudança (...)^{XVII}.

Nesse sentido, a produção de significados e a sua imensa propagação através dos recursos oferecidos pela internet, principalmente as redes sociais, tem desafiado os historiadores do tempo presente que ainda se apresentam mal resolvidos com os seus colegas jornalistas. A construção ou reconstrução de eventos históricos e as formas de interações sociais nesse universo são obstáculos abissais para o trabalho do historiador, tanto pela falta de uma metodologia adequada como também pela velocidade de produção de informações desse veículo. No entanto, é necessário situar a dimensão das transformações em seu momento histórico, isto é, caracterizá-la como uma das ferramentas de velocidade da transmissão de informações trazidas pela Globalização.

Fenômeno intrigante, a globalização é mais instigada pelos seus efeitos do que pelo seu conceito em si e uma de suas mais fascinantes características é a fluidez que ela impôs à organização do espaço mundial. Para Zygmunt Bauman^{XVIII}, a globalização teria transformado as antigas fronteiras geográficas em fronteiras socioculturais o que conseqüentemente resultaria numa alteração dos conceitos habituais de distância, proximidade e tempo. Aspectos que ressaltam essas características como conseqüências radicalizadas e universalizadas da modernidade, que põs em xeque, aspectos antes incontestáveis, como, por exemplo, a noção de confiança estaria completamente reformulada no universo dessa sociedade pós-industrial. Bauman^{XIX} ainda argumenta

O DISCURSO HISTÓRICO E AS SUAS MULTIPLICIDADES: UMA ABORDAGEM SOBRE AS NOVAS DEMANDAS DA HISTORIOGRAFIA CONTEMPORÂNEA A PARTIR DA HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

PAULO ROBERTO ALVES TELES

que este fenômeno seria diretamente associado ao amplo desenvolvimento dos meios de transporte e ao melhoramento das formas de comunicação. De acordo com ele:

(...) Dentre todos os fatores técnicos da mobilidade, um papel particularmente importante foi desempenhado pelo transporte da informação – o tipo de comunicação que não envolve o movimento de corpos físicos ou só faz secundária e marginalmente. Desenvolveram-se de forma consistente meios técnicos que também permitiram à informação viajar independente dos seus portadores físicos – e independente também dos objetos sobre os quais informava: meios que libertavam os “significantes” do controle dos “significados” (...)XX.

Mesmo assim, o autor não entende esse acontecimento como algo exclusivamente positivo, pois para ele, o excesso de informações que inundam a sociedade diariamente traria prejuízos para o seu processo de esclarecimento. Um bom exemplo disso é o desenvolvimento da Internet, veículo antes utilizado por militares, agora se tornou produto e veículo de comunicação instantânea, além de permitir a divulgação de qualquer tipo de conteúdo.

Essa metamorfose digital estaria acompanhada de avanços e retrocessos contínuos, ainda pouco estudados pelos historiadores. Nesse sentido, quais os impactos dessa realidade sobre os indivíduos? Quais as reações dos indivíduos perante essa realidade? Ao entendermos a historiografia como o estudo da produção humana ao longo tempo, os impactos trazidos pela internet anseiam pela abordagem metodológica do historiador.

O professor Dilton Cândido Maynard (2013)^{XXI} alerta por exemplo que a internet se tornou um espaço de disseminação de inúmeras ideias intolerantes e extremistas que propagam o ódio contra minorias e imigrantes ao redor do mundo, visto que, a internet se tornou um campo fértil e de baixo custo para a propaganda de diversos grupos marcados por posturas políticas de extrema-direita.

(...) a Internet deixou de ser um privilégio de pesquisadores, militares e nerds e se tornou um produto comercializável. O sucesso foi rápido e o potencial do novo veículo logo foi percebido por diferentes movimentos sociais e partidos políticos. Além disto, o advento da chamada Web 2.0, com a rápida difusão das redes sociais, promoveu transformações de ordem qualitativa e quantitativa na produção de informações, permitindo que grupos de baixa capacidade financeira lançassem suas ideias no ciberespaço, sendo este um aspecto ainda pouco analisado pelos historiadores quando se trata da Internet (...)XXII

Nem jornalista e nem historiadores estão preparados para lidar com tudo isso, mas é fato que ambos precisam delimitar o quanto antes os seus limites e objetos de estudo e principalmente (re) criar as suas respectivas metodologias. Para Bauman^{XXIII} essa nova forma de organização social teria auxiliado a minimizar determinados sentidos nas ações humanas. Cândido^{XXIV} aponta que a Internet foi primeiramente percebida como veículo de divulgação por grupos de extrema-direita principalmente pelas fragilidades jurídicas existentes nesse espaço (...) antes, cabe lembrar que esta apropriação foi facilitada pela falta de uma legislação específica e pela própria característica supra territorial da rede, que dificultava a ação das autoridades (...).

Como o próprio Bauman (p.23, 1999) sugeriu ao citar Timothy W. Luke, *o conflito não é mais cara a cara e o combate não é mais corpo a corpo*. E ainda

podemos acrescentar, não possui rosto, bandeira ou nação. Essa perda de sentido, e esse distanciamento dos impactos provocados por determinadas decisões são os novos desafios para os historiadores que tentarem desbravar esse emaranhado de novas e antigas informações no qual presente e passado se mesclam e produzem um amálgama a ser decifrado.

Considerações finais

Ao propormos um inicial debate sobre a produção do discurso histórico e a sua multiplicidade, objetivamos apresentar a história do tempo presente como o novo horizonte para os historiadores que pretenderem abordar o confuso e complexo alvorecer do século XXI. Para isso, é necessário estabelecer limites, nova metodologia e novas formas de abordagem. É fundamental também reler clássicos como Marc Bloch^{xxv} que em várias oportunidades já demonstrava uma enorme sensibilidade com a importância de o historiador estar atento aos eventos de seu cotidiano. Sua emocionante narrativa^{xxvi} sobre razões que teriam levado a França à derrota na 2ª Guerra Mundial é um exemplo disso.

Obviamente não pretendemos aqui esgotar a discussão sobre uma temática tão espinhosa, mas sim trazer provocações com o intuito de contribuir para o debate da história do tempo presente. Ao apontarmos a história digital como um subgrupo de estudos dessa historiografia, entendemos também a internet como um dos (senão o maior) obstáculos para os historiadores da atualidade. Entender o funcionamento da produção humana e as relações sociais ali construídas não é apenas necessário como também vital para a compreensão dos métodos e das formas de pensamento de inúmeros movimentos sociais, sejam eles extremistas ou não. Além disso, redefinições conceituais sobre memória, testemunho, fonte, passado e presente são urgentes diante desse novo cenário metodológico.

Assim como apontamos anteriormente, a história se dedica ao estudo da produção humana e as formas como essa se relaciona entre o passado e o presente. Ao considerarmos isso pretendemos incluir e considerar a internet como veículo e meio de produção e reprodução cultural. Cabe aos historiadores do tempo presente definir métodos necessários para a sua análise. Somente assim, evitaremos equívocos e surpresas, muitas delas infelizes, visto que os solos férteis da web também permitem o cultivo do ódio, da violência e da intolerância.

Notas

^I pauloteles_aju@hotmail.com; Graduado no Curso de História pela Universidade Federal de Sergipe; Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe (PPGS-UFS); Integra o Grupo de Estudos do Tempo Presente (UFS-CNPq); Orientador: Professor Dr. Dilton Cândido Santos Maynard.

^{II} ALBUQUERQUE JÚNIOR, p. 65-66, 2012;

^{III} Ver BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: ed. Zahar, 2001;

^{IV} Idem ibidem;

^V O início dos estudos sobre a História do Tempo Presente estão relacionados a fundação do Instituto de História do Tempo Presente em 1978 por François Bédarida.

^{VI} MATTA, p.14, 2012;

O DISCURSO HISTÓRICO E AS SUAS MULTIPLICIDADES: UMA ABORDAGEM SOBRE AS
NOVAS DEMANDAS DA HISTORIOGRAFIA CONTEMPORÂNEA A PARTIR DA HISTÓRIA DO
TEMPO PRESENTE

PAULO ROBERTO ALVES TELES

^{VII} O colaboracionismo da República francesa de Vichy, o holocausto empreendido pelos nazistas e os inúmeros casos de tortura ocorridos nas ditaduras latino-americanas são exemplos de acontecimentos que por um momento foram intencionalmente esquecidos. Infelizmente, alguns deles ainda o são.

^{VIII} ALBUQUERQUE JÚNIOR, p. 56, 2012;

^{IX} FERREIRA, p. 110, 2012;

^X FRANK, Robert. **Questões para as fontes do presente**. in: CHAUVEAU, Agnès. TÉTARD, Philippe. **Questões para a história do presente**. Bauru, São Paulo: ed. EDUSC, 1999;

^{XI} Ver CHAUVEAU, Agnès. TÉTARD, Philippe. **Questões para a história do presente**. Bauru, São Paulo: ed. EDUSC, 1999.

^{XII} FRANK, p. 106, 1999;

^{XIII} Idem ibidem;

^{XIV} FRANK, p.117, 1999;

^{XV} Ver RIOUX, Jean-Pierre. **Entre história e jornalismo**. in: CHAUVEAU, Agnès. TÉTARD, Philippe. **Questões para a história do presente**. Bauru, São Paulo: ed. EDUSC, 1999.

^{XVI} Consiste numa espécie de boato virtual criado na internet. São mensagens falsas alarmistas propagadas com grande velocidade através de e-mails e redes sociais. Ver <<http://www.abc.com.br/tecnologia/2012/09/saiba-o-que-e-um-hoax>>.

^{XVII} CASTELLS, p. 15, 2013;

^{XVIII} Ver BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999;

^{XIX} Idem ibidem;

^{XX} BAUMAN, p. 21, 1999;

^{XXI} Ver Cândido Santos Maynard, D. (2013). *Cibercultura e extremismos: notas sobre Brasil e Argentina no tempo presente*. *Sociedad y discurso*, AAU, (23), 148-170;

^{XXII} CÂNDIDO, p. 149, 2013;

^{XXIII} Idem ibidem;

^{XXIV} CÂNDIDO, p. 151, 2013;

^{XXV} BLOCH, Marc. **A estranha derrota**. Rio de Janeiro: ed. Zahar, 2011;

^{XXVI} Idem ibidem.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **As sombras brancas: trauma, esquecimento e usos do passado**. in: VARELLA, Flávia. MOLLO, Helena Miranda.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. MATA, Sérgio (organizadores). **Tempo presente e usos do passado**. Rio de Janeiro: ed. FGV, 2012;

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999;

BLOCH, Marc. **A estranha derrota**. Rio de Janeiro: ed. Zahar, 2011.

_____. **Apologia da história, ou, O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: ed. Zahar, 2001

CÂNDIDO Santos Maynard, D. (2013). **Cibercultura e extremismos: notas sobre Brasil e Argentina no tempo presente**. *Sociedad y discurso*, AAU, (23), 148-170;

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: ed. Zahar, 2013;

O DISCURSO HISTÓRICO E AS SUAS MULTIPLICIDADES: UMA ABORDAGEM SOBRE AS
NOVAS DEMANDAS DA HISTORIOGRAFIA CONTEMPORÂNEA A PARTIR DA HISTÓRIA DO
TEMPO PRESENTE

PAULO ROBERTO ALVES TELES

CASTRO, Davi de. **Saiba o que é um Hoax**. Disponível em

<<http://www.ebc.com.br/tecnologia/2012/09/saiba-o-que-e-um-hoax>>. Acesso em 11 fev 2014;

CHAUVEAU, Agnès. TÉTARD, Philippe. **Questões para a história do presente**.

Bauru, São Paulo: ed. EDUSC, 1999

FERREIRA, Marieta de Moraes. **Demandas sociais e história do tempo presente**. *in*:

VARELLA, Flávia. MOLLO, Helena Miranda. PEREIRA, Mateus Henrique de Faria.

MATA, Sérgio (organizadores). **Tempo presente e usos do passado**. Rio de Janeiro: ed. FGV, 2012;

FRANK, Robert. **Questões para as fontes do presente**. *in*: CHAUVEAU, Agnès.

TÉTARD, Philippe. **Questões para a história do presente**. Bauru, São Paulo: ed. EDUSC, 1999;

RIOUX, Jean-Pierre. **Entre história e jornalismo**. *in*: CHAUVEAU, Agnès. TÉTARD,

Philippe. **Questões para a história do presente**. Bauru, São Paulo: ed. EDUSC, 1999.